



ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA &
SIEGA
VERDE

EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22
MADRID | NOVENBRO '22 - FEVEREIRO '23

ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EXPOSIÇÃO

Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Projeto

byAR - Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

Design

byAR - Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

Produção

Stripeline - Helder Mata | Gonçalo Tomás
byAR - Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores
VPrint - Produção de imagem, Lda.

Réplicas

Morph - Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Municio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph - Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Córdoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luis Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Direção Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património - Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

CATÁLOGO

Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramírez | José Javier Fernández Moreno | Luis Luis | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | Maria de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

Design e paginação

byAR
Pedro Gonçalves

Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

ISBN

978-84-9718-714-5

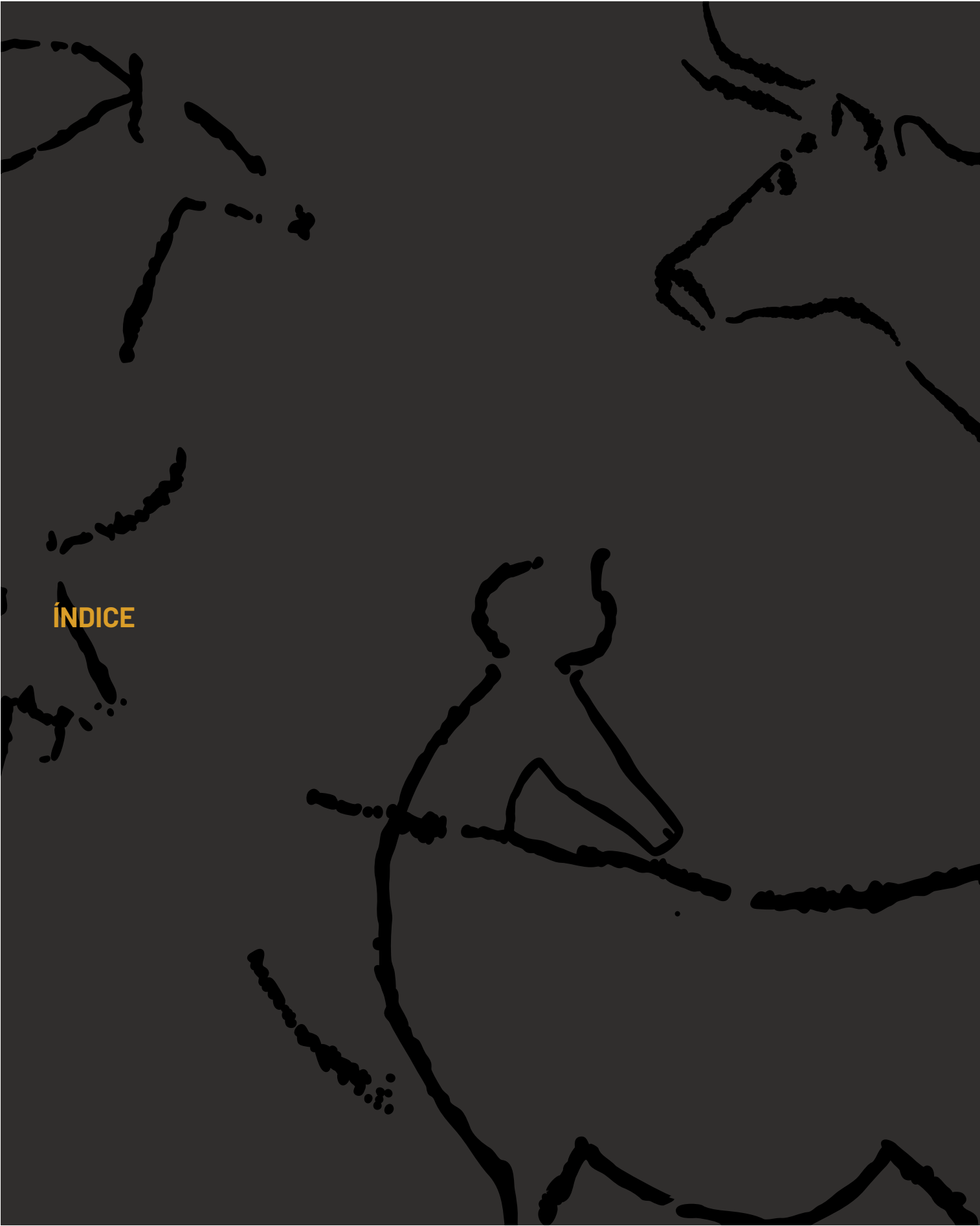
Depósito Legal

VA 646-2022

In memoriam a Bruno Navarro

ARTE SEM LIMITES

CÔA & SIEGA VERDE

An abstract black line drawing on a dark gray background. The drawing consists of several thick, irregular, and somewhat jagged black lines. These lines form various shapes, including what might be interpreted as a stylized figure in the center, a horizontal line with a small loop above it, and several other scattered, curved strokes. The overall effect is that of a gestural, expressive sketch.

ÍNDICE

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.

**AS REPRESENTAÇÕES DA IDADE DO FERRO
NO LIMITE OCIDENTAL DA SUBMESETA NORTE**
CARACTERÍSTICAS E A SUA RELAÇÃO ESPACIAL
E CONCEPTUAL

Luís Luís

Fundação C&A Parque

Carlos Vázquez Marcos

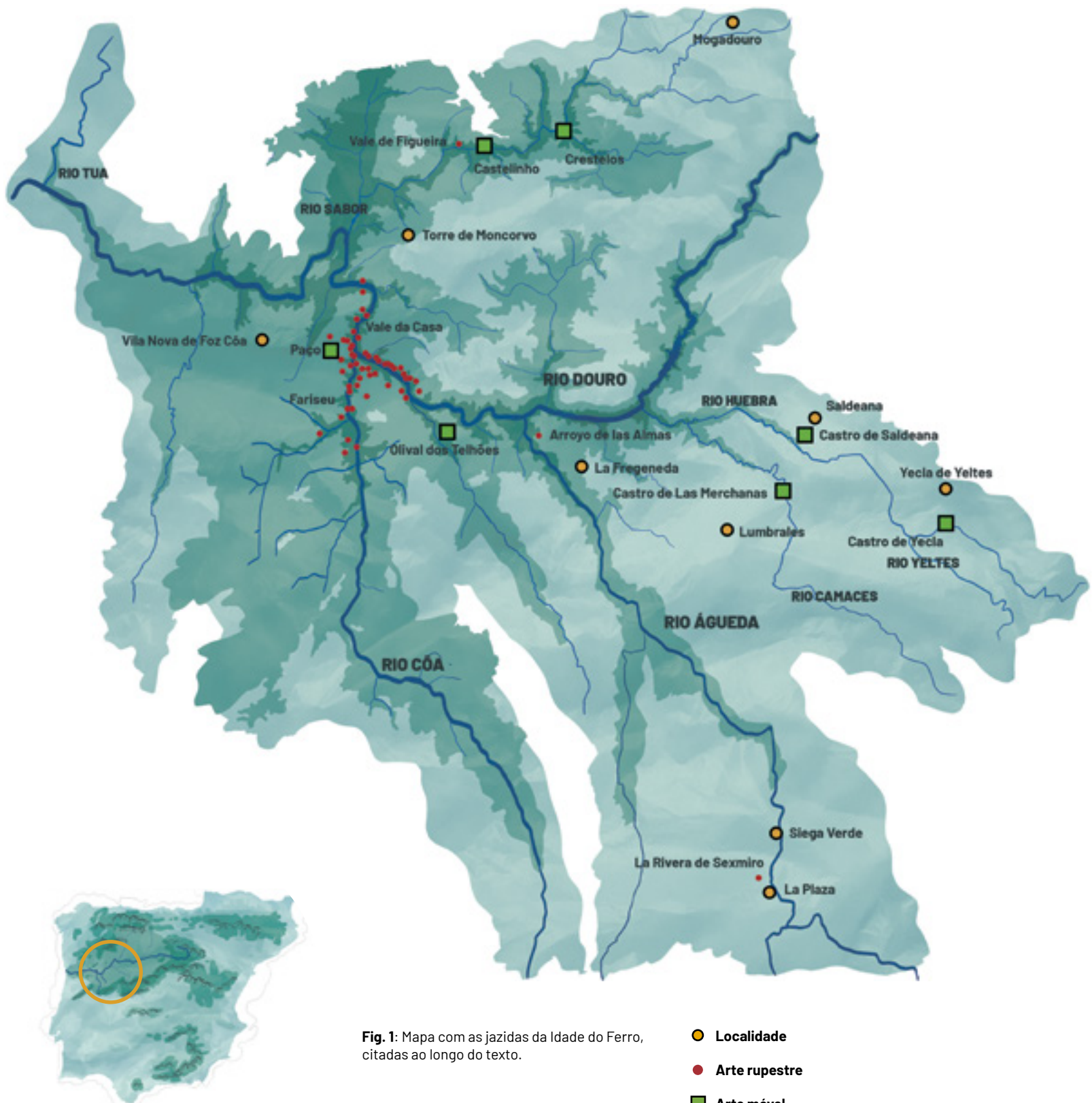
C.E.M., Labtec y (Gir) Prehusal

A ARTE DA IDADE DO FERRO NO SUDOESTE DE CASTELA E LEÃO

No extremo noroeste da província de Salamanca, “abraçando” dois pequenos cerros em torno do rio Camaces, afluente do rio Huebra, ergue-se o castro de origem pré-romana de Las Merchanas (Lumbrales). Trata-se de um povoado fortificado que foi habitado, pelo menos, desde o século IV a.C. até ao IV-V d.C., e que já surge referido nos primeiros anos do século passado. Para além do seu perímetro (superior a 5 ha) e da sua barreira de pedras fincadas, destacam-se a sua necrópole, situada a norte e maioritariamente pós-imperial, e a sua porta sudeste, modificada durante os séculos III-IV a.C., ambas alvo de reiteradas e frutíferas escavações. Salienta-se também pela presença de 22 motivos gravados mediante picotado e abrasão sobre os silhares graníticos ou em estelas reutilizadas, incrustados no lanço da muralha, que contribuem para revelar o potencial deste sítio para a compreensão das relações entre os seres humanos do final da Pré-história e as pedras gravadas nos locais onde viviam.

De entre estas representações artísticas, realizadas ao longo do tempo de ocupação do castro, e reveladas maioritariamente em 2005, devemos sublinhar as que se situam na secção noroeste da muralha. Estas evidências figurativas, uma em posição zenital – na base do paramento setentrional – e outra de um cavalo – na porta meridional do torreão ocidental –, não correspondem, contudo, à temática predominante do sítio: os signos (retículas, quadrado com ponto, triângulo sem vértice com semicírculo interior, círculos, roda com raios, cruciforme, aspa, etc.), para além de um possível carro esquemático.

A pouca distância (c. de 14 km), junto ao rio Huebra e ao Valaña, localiza-se o segundo povoado fortificado salmantino a considerar: o castro de Yecla de Yeltes. Esta área arqueológica foi também mencionada na primeira década



do século XX, tendo uma área similar ao tratado anteriormente (4,5/5 ha). A sua longa ocupação, desde os séculos VI-V a.C. até à Alta Idade Média, os seus mais de 125 motivos atribuídos ao ciclo abordado, e suas distintas localizações, tanto fora como dentro do recinto, e inclusivamente nos próprios silhares de muralha, onde se localizam mais de uma centena, convertem este lugar noutra das imprescindíveis referências a respeito das manifestações artísticas do período examinado.

De entre estas, refira-se a preponderante presença de cavalos e veados, estes últimos em menor medida, perante os outros animais inventariados (p. ex.: javalis, caprinos, canídeos, touro, mustelídeo, serpente ou gato). Refira-se ainda o número restrito de signos e representações humanas, embora se conheça a presença de cavaleiros, cuja execução se realizou mediante gravura, nas mesmas modalidades que as registadas em Las Merchanas.

Tal como os castros anteriormente citados, identificaram-se gravuras também no de Saldeana, a sudoeste do município com o mesmo nome, sobre o rio Huebra. Os motivos integráveis no período cronocultural estudado serão 3, tendo sido designados como signos geométricos, realizados por incisão. Contudo, tal como acontece com o sí-



Fig. 2. A. Fotografia parcial do castro de Las Merchanas, observando-se parte da sua muralha, a porta vetã, as pedras fincadas e um berrão. Fotografia: Carlos Vázquez Marcos. **B.** Fotografia parcial de uma das portas (ocidental) reconstruídas do castro de Yecla de Yeltes. Abaixo, à esquerda, uma cena gravada de uma cerva amamentando a sua cria. Fotografia: Carlos Vázquez Marcos. **C.** Vista geral das principais rochas e abrigos com manifestações artísticas da Idade do Ferro do Núcleo II do Arroyo de las Almas. Fotografia: Mário Reis.



Fig. 2. D. Cavalo gravado num dos silhares da porta meridional (torreão ocidental) de Las Merchanas. Fotografia: Carlos Vázquez Marcos. **E.** Veado do painel 8, entre outras representações da Idade do Ferro, da rocha 1 do Núcleo II. Fotografia: Mário Reis e Carlos Vázquez Marcos. **F.** Decalque parcial do painel 2 da rocha 4 do Núcleo III do Arroyo de las Almas. Decalque: Mário Reis.

tio rupestre de La Rivera de Sexmiro (Sexmiro), nas imediações do rio Águeda e do castro de La Plaza - caracterizado por um pequeno grupo de motivos pertencentes a esta mesma categoria temática e gravados por incisão em dois pequenos covachos e numa rocha isolada de ardósias e xistos - a sua atribuição cronológica poderá estender-se até à Antiguidade Tardia, ou ser mesmo de execução mais recente.



A ARTE DA IDADE DO FERRO DO CÔA

Junto às margens do Douro, já em território português, identificou-se em 1982, o importante conjunto de arte rupestre no Vale da Casa (próximo de Vila Nova de Foz Côa), no contexto da construção da barragem hidroelétrica do Pocinho. Trata-se de um tipo de arte rupestre, de natureza distinta dos tratados até agora, embora semelhante ao Arroyo de las Almas, que trataremos adiante. Foram então estudados 23 painéis horizontais de xisto gravados, que se encontram atualmente submersos pelo enchimento da Albufeira do Pocinho.

Para além de um primeiro momento de produção artística, composto essencialmente por representações picotadas de *corniformes*, antropomorfos esquemáticos e podomorfos, a maioria das representações caracteriza-se pela representação de figuras animais (cavalos, cães e veados), humanas, armas e signos geométricos, gravados por incisão fina linear, em densas sobreposições (por ex.: rocha 10) ou em cenas com os motivos justapostos (por ex.: rocha 23).



Fig. 3. A. Rocha 10 do Vale da Casa. A partir de Baptista, 1999, com decalque parcial de António Fernando Barbosa. **B.** Decalque da rocha 1 do Meijapão. Desenho: António Fernando Barbosa.



Fig. 3. C. Vista geral da rocha 1 da Vermelhosa. Fotografia: Luís Luís. **D.** Foz do Côa e Vale de José Esteves. Fotografia: José Paulo Ruas.

Entre estas últimas, salienta-se uma cena de caça a cavalo ao veado com o auxílio de cães, associada a uma inscrição do alfabeto grego jónico. Este motivo alfabético, bem como a tipologia das armas e algumas características morfológicas das figuras, conduziu à atribuição deste segundo momento à Idade do Ferro.

Em novembro de 1991, novamente no contexto da construção de uma barragem, viria a identificar-se arte rupestre no vale do rio Côa, cerca de 5 quilómetros a montante do Vale da Casa. Embora as novas gravuras identificadas fossem sobretudo paleolíticas, ainda antes de março de 1993 já se havia descoberto a rocha 1 do Meijapão com gravuras semelhantes ao Vale da Casa, seguindo-se outras. Na primeira publicação da arte rupestre do Côa, o ciclo artístico do Ferro surge referido em dois parágrafos, definindo-se como um “expressivo conjunto” de figuras gravadas de “homens, animais e símbolos, de linhas angulosas, com elevado grau de estilização”, gravadas por incisão filiforme, com paralelos no Vale da Casa.

Com a continuação dos trabalhos de prospeção arqueológica, conhecem-se hoje mais de 500 painéis gravados com arte atribuída à Idade do Ferro no Côa, distribuídos por mais de 50 núcleos distintos, distribuídos ao longo dos últimos 10 quilómetros do rio Côa e nos vales adjacentes à sua confluência com o Douro.

Esta arte rupestre inscreve-se esmagadoramente nas típicas superfícies verticais de xisto da região, que se distribuem em áreas de vertente acentuada nas encostas dos últimos quilómetros do Côa (por ex.: Foz do Côa e Moinhos de Cima), mas sobretudo nos íngremes e encaixados vales que descem desde o planalto do limite ocidental da submeseta norte (c. 400 m) até ao fundo dos vales do Côa e Douro (c. 120 m) (Vale de José Esteves, Vale de Cabrões e Vale do Forno).



Os motivos dominantes desta fase artística no Côa correspondem a zoomorfos (por ex.: cavalos, cães, veados, aves, javalis e peixes), acompanhados por algumas figuras fantásticas. A figura humana surge sob a forma de guerreiros a pé ou a cavalo, associados a armas (lanças, escudos, falcatas e punhais), por vezes com cabeça de pássaro. Refira-se, finalmente, a presença de inúmeros signos geométricos estruturados. Estas quatro grandes categorias de motivos surgem frequentemente associadas nos painéis do Vale do Côa em densas sobreposições ou em cenas narrativas que se centram na figura do guerreiro a combater a pé, exibindo-se a cavalo, ou em atividade cinegética.

Estas representações proto-históricas foram quase exclusivamente representadas através de incisão linear, com recurso a utensílios metálicos, identificados pelo registo de sulcos em U, tal como acontece nas jazidas do outro lado da raia (por ex.: Arroyo de las Almas).



Fig. 3. **E.** Cabeça de guerreiro com forma de pássaro. Rocha 3 da Vermelhosa. Fotografia: André Tomás Santos. **F.** Canídeo da roca 18 do Vale de José Esteves. Fotografia: André Tomás Santos. **G.** Placa do Paço. Fotografia: Manuel Almeida.

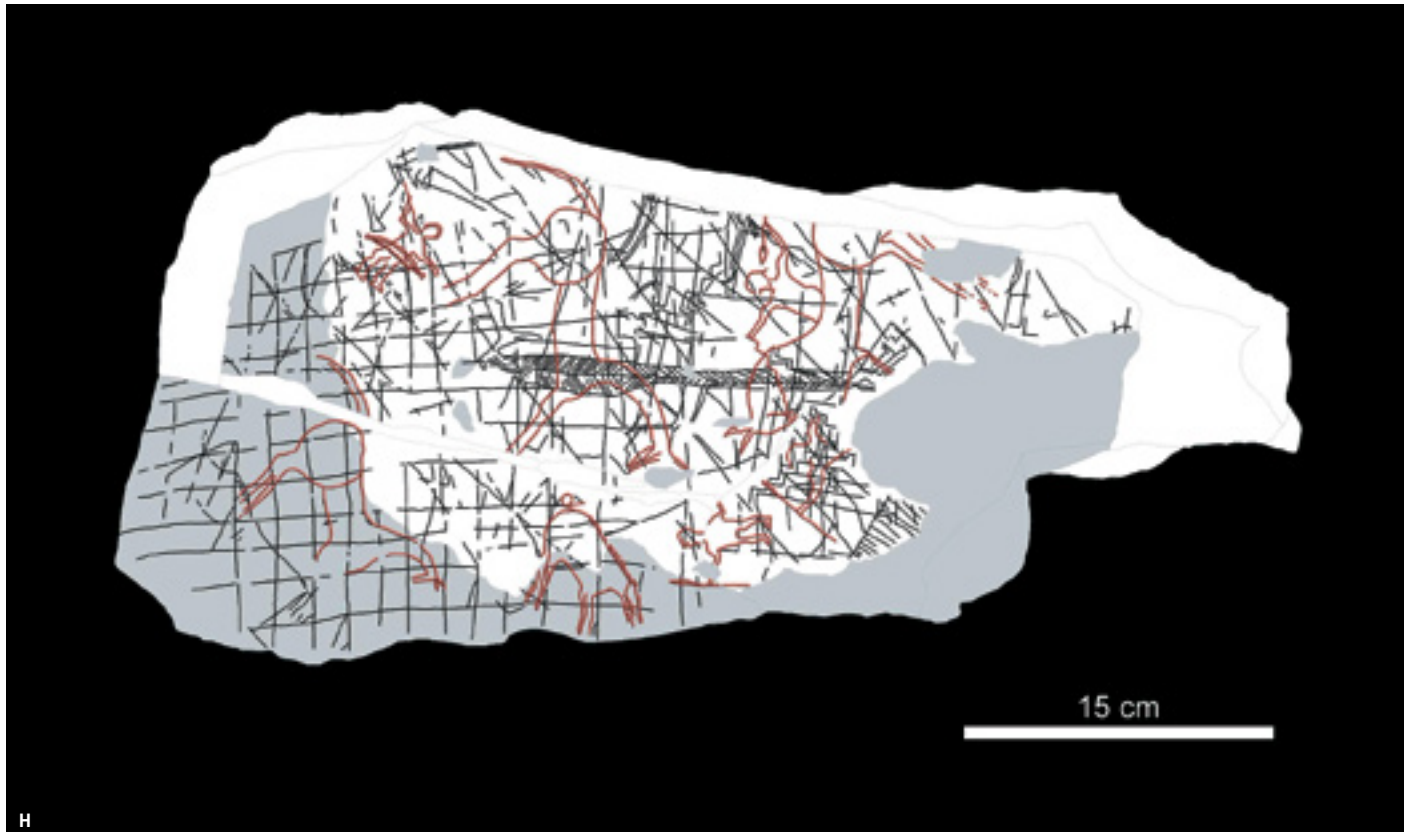


Fig. 3. H. Laje 1 do Castelinho. A partir de F. Santos *et al.*, 2012.

A iconografia desta arte relaciona-se com a temática da heroificação da figura do guerreiro e da sua imortalização após a morte, num contexto de fronteira. A sua iconografia e o contexto arqueológico da arte móvel do vale do Sabor, que se tratará a seguir, sugere uma cronologia entre os séculos III-II e I a.C.

DEPOIS DA ARTE DO CÔA: O VALE DO SABOR E O ARROYO DE LAS ALMAS

Após a descoberta da arte rupestre proto-histórica do Côa começaram a surgir na região evidências de arte móvel do mesmo estilo. Depois dos achados do Olival dos Telhões e do Paço (Vila Nova de Foz Côa), os trabalhos arqueológicos no contexto do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor vieram trazer a lume um conjunto notável de achados artísticos. Para além de dois sítios com arte rupestre (Vale de Figueira e Crestelos), o vale do rio Sabor notabilizou-se pelo achado de um vasto conjunto de arte móvel em Crestelos (Mogadouro) e sobretudo no Castelinho (Torre de Moncorvo). Ambos se caracterizam como áreas de armazenamento de cereais, cercadas por muralhas e fossos, no interior dos quais foi identificada uma grande quantidade de placas de arte móvel: mais de 100 placas de xisto gravadas em Crestelos e mais de 500 no Castelinho. O estilo

dos motivos representados (cavalos, veados, guerreiros, armas e signos) é em tudo semelhante ao da arte do Côa e a sua deposição nos fossos foi datada de entre os séc. II e I a.C.

No conjunto artístico parietal ao ar livre do Arroyo de las Almas (La Frege-neda), descoberto em 2015, apenas a 1 km da foz do rio Águeda no Douro, também se inventariaram motivos da Idade do Ferro. O número considerável de motivos, superior a 120, permite-nos qualificar este sítio rupestre raiano como um dos mais importantes na Península Ibérica, entre os que apresentam representações atribuídas a este período cronocultural.

E embora os motivos de 11 das 24 rochas do conjunto – Núcleo II e III – pertençam maioritariamente à categoria dos signos geométricos, também se detetou a importante presença de animais e representações humanas. Estas foram executadas mediante incisões, como no contíguo território português do Côa, com o qual compartilha várias características, entre as quais se destacam as formais, as técnicas e as da sua implantação.

Seis das sete rochas de ardósia e xisto decoradas, catalogadas no curto sector do Núcleo II, apresentam um conjunto superior aos 60 motivos, com atraentes representações de animais, isolados ou associados aos maioritários signos. A rocha 1, com 22 painéis decorados, 16 deles com motivos da Idade do Ferro, e a 4, são as mais relevantes. Salienta-se a primeira, um abrigo rochoso com antropomorfos (p. ex.: painel 3), para além de uma dezena de animais, entre os quais se encontram alguns dos veados mais espetaculares deste período (p. ex.: painéis 3 e 8). As 5 rochas do Núcleo III albergam motivos da Idade do Ferro, com pelo menos 50 motivos, correspondendo o papel fundamental à rocha 4, onde se documentaram 40 figuras, em 7 dos painéis decorados. Os motivos dominantes pertencem às categorias dos animais e dos signos (p. ex.: reticulados, ziguezagues ou conjuntos de traços paralelos), sobressaindo também as rochas 1 e 3, com quadrúpedes acéfalos indetermináveis e veados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

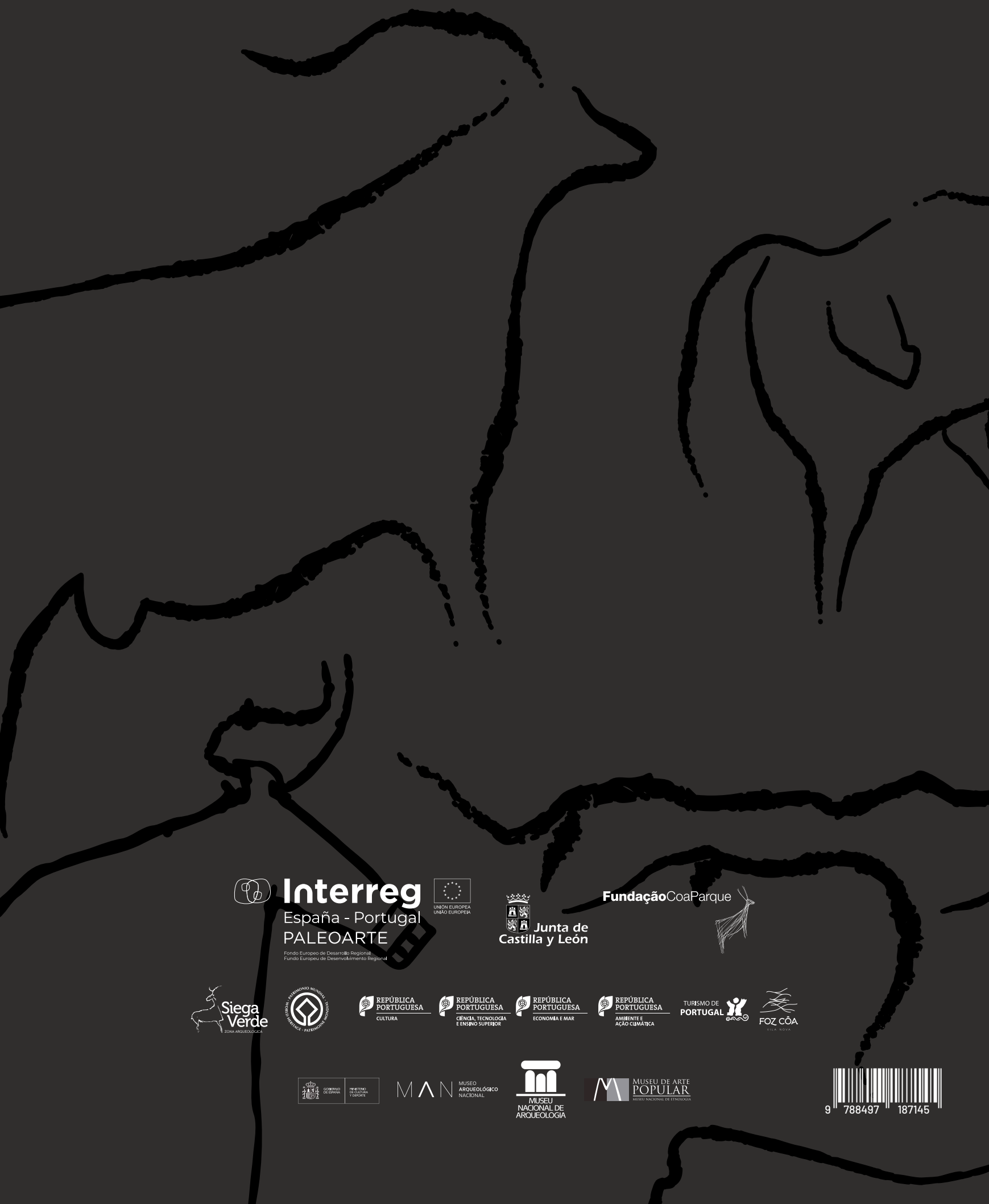
Esta arte da Idade do Ferro na fronteira ocidental da submeseta norte divide-se fundamentalmente em dois tipos, tendo em conta as suas características ao nível do suporte e contexto de achado. Em primeiro lugar, pela sua importância quantitativa, temos o conjunto que se inscreve sobre suportes naturais de xisto e ardósia ao ar livre ou sob abrigos (p. ex.: Vale do Côa, Arroyo de las Almas ou Vale Figueira), ocupando vales fluviais relativamente afastados dos sítios com ocupação humana e cuja localização se encontra condicionada pela disposição dos suportes definidos pela tectónica frágil tardi-hercínica. O segundo tipo, localiza-se em áreas de ocupação populacional fortificada, onde estas representações surgem, com maior frequência, sobre suportes móveis que se integram nos lanços das muralhas (p. ex.: Yecla de Yeltes ou Las Merchanas) ou nos fossos (p. ex.: Crestelos e Castelinho) de povoados. Em ambos os contextos, a tipologia dos motivos (animais, figuras humanas, armas e signos) e as suas associações, apresentam fortes e quantificáveis semelhanças, apesar da existência de algumas diferenças formais e técnicas que se relacionarão com as diferenças de grão

dos diferentes suportes utilizados. Pela sua localização e iconografia figurativa, esta arte relaciona-se com a temática dos limites, seja de áreas povoadas (por ex.: Lumbrals, Yecla de Yeltes, Merchanas, Crestelos ou Castelhinho), seja de espaços de exploração económica (por ex.: Vale do Côa e Arroyo de las Almas), ou, no contexto mais vasto dos limites geomorfológicos da submeseta norte.

BIBLIOGRAFIA

- Aubry, T., Luís, L. y Dimuccio, L. (2017): «Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condiçionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa». *O Arqueólogo Português* 4/5 (S.V): 133-174.
- Aubry, T., y Sampaio, J. D. (2012): «Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do Vale do Côa». In M. D. J. Sanches (Ed.), *Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo: 185-206*. DGPC (*Trabalhos de Arqueologia*; 54), Lisboa.
- Baptista, A. M. (1983): «O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)». *Arqueologia* 8: 57-69.
- Cruz, D. J. (1998): «Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta». En *Actas do Colóquio "A Pré-História na Beira Interior"* (Tondela, Nov. 1997): 149-166. *Centro de Estudos Pré-históricos da Beira (Estudos Pré-históricos*; 8), Viseu.
- Gomes, M. V. (2013): «O abecedário rupestre, proto-histórico, do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)». *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, 12: 69-85.
- Gómez Moreno, M. (1904): «Sobre arqueología primitiva de la región del Duero». *BRAH*, XLV: 147-160.
- Luís, L. (2015): «Uma arte da guerra: O Vale do Côa no final do I Milénio a.C.». In S. Lee, A. M. Baptista & A. B. Fernandes (Eds.), *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]*: 90-114. Ulsan Petroglyph Museum.
- Luís, L. (2016): «As Gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa». *Vaccea Anuario*, 9: 60-70.
- Luís, L. (2021): «No limiar: Diferentes escalas de análise da arte da Idade do Ferro no limite ocidental da Me-

- seta». *Iberografías Revista de Estudos Ibéricos*, 17: 155-176.
- Maluquer de Motes, J. (1968): «Excavaciones arqueológicas en el castro de "Las Merchanas" (Lumbrales, Salamanca)». *Pyrenae*, 4: 101-128.
- Martín Valls, R. y Carnicero, F. (2008): «Las insculturas del castro de Yecla de Yeltes: nuevas perspectivas para su estudio». *Zona Arqueológica*, 12: 232-251.
- Neves, D. y Figueiredo, S. S. (2015): «Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição». In H. Collado Giraldo & J. J. García Arranz (Eds.), *XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015: Symbols in the Landscape: Rock Art and Its Context* [DVD-Rom]: 1589-1605. Instituto Terra e Memória (Arkeos; 37), Tomar.
- Rebanda, N. (1995): Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. Lisboa: IPPAAR.
- Reis, M. (2014): «'Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (conclusão)». *Portugália*, 35: 17-59.
- Reis, M. y Vázquez Marcos, C. (2019): «Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo conjunto con arte rupestre en la cuenca del Duero». *Complutum*, 30 (2): 223-245.
- Reis, M. y Vázquez Marcos, C. (e.p.): «Arte rupestre de la Edad del Hierro en el yacimiento del Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca)». Santos, F., et al. (2012): «El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal): Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro». *Complutum*, 23(1): 165-179.
- Sastre, J. (2014): «Da Idade do Ferro à Romanização da área de Crestelos». In A. P. Dinis (Ed.), *I Encontro de Arqueologia de Mogadouro: Actas* (Mogadouro, Abril de 2013): Mogadouro: 79-94. Município de Mogadouro.
- Silva, A., Xavier, P. y Figueiredo, S. S. (2016): «As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo». In R. Cordeiro Macenlle & A. Vázquez Martínez (Eds.), *Estudo de Arqueologia, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*: 63-81. Andavira Editora, Santiago de Compostela.
- Vázquez Marcos, C. y Reis, M. (2020): «La Rivera de Sexmiro (Sexmiro, Villar de Argañán, comarca de Ciudad Rodrigo, Salamanca): un nuevo yacimiento con arte rupestre en la cuenca del Águeda». *Estudios Mirobrigenses*, 7: 15-28.
- Vázquez Marcos, C. (2010): «El castro de Las Merchanas (Lumbrales, Salamanca) y sus Insulturas». En Cubas, N., Hidalgo, D., Salinas de Frías, M. (Eds.), *Arqueologia, Património, Prehistoria e Historia Antiga de los Pueblos «Sin Pasado»: ecos de la Lusitania en Arribes del Duero*: 111-124. Ediciones Universidad de Salamanca.



Interreg
Espana - Portugal
PALEOARTE

Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



**Junta de
Castilla y León**

Fundação CoaParque



9 788497 187145